

técnicas hemostáticas. Frente à necessidade de utilização de animais vivos para as práticas de hemostasia, foram ministradas aulas usando animais da espécie *Gallus gallus* (galinha doméstica), onde, treinou-se desde a anestesia (diazepam, xilazina e quetamina) à eutanásia. O reto do animal simulou o pedículo ovariano, ausente nesta espécie e, no membro, foi utilizado o torniquete, para realização de amputação. Outra didática utilizada foi à confecção de vídeos, ilustrando assuntos como: ambiente cirúrgico, profilaxia das infecções e algumas cirurgias, que foram mostrados durante as aulas teóricas da disciplina. O método empregado para treinamento da técnica hemostática das três pinças, foi a utilização de bexigas vermelhas de látex número 00 acopladas a um equipo com soro fisiológico. A extremidade do equipo, contendo a bexiga, foi colocado sob tensão e passando para o interior de um cilindro de espuma que representava a cavidade. A realização das aulas práticas alternativas para o treinamento das principais técnicas cirúrgicas demonstrou ser de grande interesse e aprendizado para os alunos. Estes puderam participar mais efetivamente das aulas, sem o estresse e o medo que ocorrem quando se deparam logo na primeira prática com os animais vivos; treinar passo a passo, cada um dos assuntos que constam no plano de ensino da disciplina Técnica Cirúrgica Veterinária e aprender as diversas técnicas de diérese, excerese, hemostasia e síntese. Os resultados obtidos evidenciam que a corrente mundial de substituição de animais vivos, é viável, e não compromete o aprendizado.

Estudo clínico–cirúrgico-imunohistoquímico em cães com melanomas bucais submetidos a cirurgias radicais

Felizzola, C.R.¹;
Araújo, N.S.¹;
Sousa, S.C.O.M.¹

1- Faculdade de Odontologia - Universidade de São Paulo – SP

Dentre as espécies canina, felina, equina e bovina, os animais pertencentes à primeira, têm sido os mais afetados por neoplasias bucais. Essas neoplasias ocupam o quarto local em incidência entre todas as neoplasias em cães, sendo as neoplasias malignas mais comuns que as benignas. Melanoma é a neoplasia mais comum em cavidade bucal de cães, estando associado ao prognóstico ruim. O tratamento destas neoplasias bucais é através de cirurgia radical, para obter melhor prognóstico. Porém, com advento da imunohistoquímica possibilitou um estudo mais aprofundado da patogênese do melanoma. A utilização de proteínas como marcadores de proliferação celular, devida sua expressão durante a divisão celular, e têm sido usadas como indicadores prognósticos e avaliadores histopatológicos da diferenciação celular. Nesse contexto, provavelmente a proteína p53 é o marcador de maior destaque, desempenhando papel fundamental na proteção da integridade das células que se dividem. Mutações da proteína p53 é freqüente em melanomas, e indicando um prognóstico ruim. O objetivo deste estudo é correlacionar o tratamento de melanoma bucal de acordo com a raça, idade, sexo, classificação TNM, cirurgia radical, evolução do paciente no pós-operatório e com a expressão da proteína p53, sendo mais um fator prognóstico adjuvante. Foram utilizados 23 cães de diferentes raças, machos e fêmeas, com idade entre três e 15 anos, com melanoma bucal localizados em várias regiões da cavidade bucal. Os animais foram submetidos a exames clínicos, radiográficos e exames complementares pré-operatórios, depois de avaliados, e classificados segundo a classificação TNM, foram submetidos a cirurgia radical de acordo com a localização da neoplasia. A seguir, a peça cirúrgica foi encaminhada ao exame histopatológico e imunohistoquímico (S-100, Melan A, HMB-45, p 53). Acompanhou clinicamente estes animais periodicamente, avaliando recidivas e tempo de sobrevivência. Observou-se os resultados inerentes ao presente trabalho segundo o sexo, acometendo mais machos (54%) do que fêmeas (46%). As raças mais acometidas foram Chow chow 5 (22%), SRD 4 (17,4%), Pastor Alemão 3 (13%), Pinscher 3

(13%), dois casos respectivamente Cocker spaniel, Poodle, Yorkshire e um caso (4,3%) respectivamente Boxer e Setter Irlandês. A idade média dos cães foi de 9,4 anos. Os locais dos melanomas orais nos cães foram: maxila, seis (26%), mandíbula, cinco (22%), mucosa jugal, quatro (17,4%), lábio, três (13%), língua, três (13%), palato, dois (8,7%) e assoalho bucal, um (4,3%). Segundo a classificação TNM, as neoplasias foram estadiadas no IV estágio. As técnicas cirúrgicas utilizadas foram mandibulectomias, maxilectomias, e excisões com amplas margens nas neoplasias em regiões de língua e lábio e mucosa jugal. Ocorreram 13 casos de recidivas, cinco casos de metástases pulmonares, tempo de sobrevivência em média foi de um ano e três meses. A imunohistoquímica revelou a superexpressão do p53 em 17 casos (74%). No presente estudo pode salientar a nossa casuística corrobora com a literatura internacional segundo Dorn et al., acometendo mais machos do que fêmeas. Notou-se que as raças mais frequentes, como Chow chow, Pastor alemão e Cocker spaniel no presente estudo, são raças que apresentam grande pigmentação da mucosa oral. Bichard e Carothers relatam que o prognóstico será melhor quando, realizada a cirurgia radical. Notou-se que cães que já haviam sido operados por colegas anteriormente apresentaram recidivas locais, mesmo que nestes casos não apresentasse super expressão da proteína p53. Observou-se que na maioria dos casos de melanoma bucal em cães expressaram uma resposta a proteína p53, e estes apresentaram recidivas com presença de metástase. Este estudo corrobora com Koenig et al., que mesmo aplicando corretamente a técnica cirúrgica, se já ocorreu um dano ou mutação do DNA, logo ocorrerá uma proliferação das células neoplásicas, causando metástases ou recidivas, tendo um pior prognóstico do que os casos que não apresentaram a expressão de p53. Conclui-se que, as neoplasias deverão ser tratadas precocemente, e com a técnica cirúrgica radical, que evitará recidivas locais, e também diminuirá a possibilidade do surgimento de alterações, mutações que se perpetuem e multipliquem o gene supressor do tumor, levando a metástases e recidivas. Atribuímos utilização imunohistoquímica como uma ferramenta fundamental para obtermos o prognóstico da lesão.

Apresentação de um dispositivo para treinamento de aplicação de nós cirúrgicos

Andrade, J.N.B.¹

1- Curso de Medicina Veterinária - Universidade Tuiuti do Paraná – PR

A correta aplicação de nós cirúrgicos faz parte dos requisitos necessários para uma boa técnica cirúrgica. De acordo com Fossum, o nó é o ponto fraco da sutura, pois sua incorreta aplicação pode levar à deiscência. A habilidade do cirurgião pode influenciar diretamente o tempo cirúrgico e, conseqüentemente, o tempo de anestesia. Um treinamento adequado pode auxiliar os cirurgiões e estudantes a realizar corretamente a aplicação dos nós, melhorando assim a habilidade do cirurgião e a precisão da cirurgia. O treinamento de nós pode ser realizado em cirurgias experimentais, em cadáveres ou em situações não cirúrgicas, geralmente improvisadas. As cirurgias experimentais apresentam situações reais, sendo adequadas para o treinamento da aplicação dos nós, no entanto, envolvem aspectos éticos e apresentam outras implicações como a necessidade anestésica, custo e cuidados pós-operatórios. O uso de cadáveres pode simular situações clínicas, porém requer a disponibilidade dos mesmos, o que nem sempre ocorre. As improvisações realizadas pelos cirurgiões e estudantes para o treinamento da aplicação de nós são muitas, mas raramente apresentam situações semelhantes àquelas encontradas na prática cirúrgica, como a profundidade dos planos e a tensão nos bordos da ferida. Assim, apresentamos um dispositivo artesanal desenvolvido para ser utilizado por cirurgiões e estudantes de técnica operatória no treinamento da aplicação dos nós cirúrgicos. A literatura é escassa em relação a aparelhos simuladores de situações clínicas para este fim. Uma série de equipamentos alternativos para o uso